



Universidade Federal de Viçosa

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MILENA VALENTE DE SOUZA

**JUVENTUDE, CAPITALISMO E ARTE:**  
A CONSTRUÇÃO DE UM SONHO E A RELAÇÃO COM A CONDIÇÃO JUVENIL EM  
CARANGOLA/MG

VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2022

MILENA VALENTE DE SOUZA

Juventude, capitalismo e arte: a construção de um sonho e a relação com a condição juvenil  
em Carangola/MG

Monografia apresentada ao Curso de Ciências  
Sociais da Universidade Federal de Viçosa  
como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dr. Diogo Tourino de Souza

VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2022

MILENA VALENTE DE SOUZA

JUVENTUDE, CAPITALISMO E ARTE:  
A CONSTRUÇÃO DE UM SONHO E A RELAÇÃO COM A CONDIÇÃO JUVENIL EM  
CARANGOLA/MG

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa  
como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

---

Dr. Diogo Tourino de Souza  
Orientador (DCS – UFV)

---

Dr. Victor Luiz Alves Mourão  
Avaliador (DCS - UFV)

---

Dr. Fernando Perlatto Bom Jardim  
Avaliador (ICH - UFJF)

---

Dra. Daniela Alves de Alves  
Avaliadora (DCS – UFV)

VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2022

## AGRADECIMENTOS

A meu pai e minha mãe, Jeremias e Míriam, que me apoiam desde quando meus sonhos eram grandes demais para meu corpo pequeno, me ensinando que, com força, fé e discernimento nas minhas escolhas eu posso tudo. Ao meu irmão, Victor, que foi meu primeiro companheiro de vida. Eles são o motivo da minha persistência para mudar nossa realidade. Vou correr atrás do mundo para nós.

A meus amigos Aruna Sol, Branca Pereira, Roberta Cardoso e Letícia Sampaio, que me auxiliaram em obstáculos que eu mesma achei que não fosse possível superar. Foram meus companheiros para além da sala de aula, foram meus exemplos, minhas inspirações. Admiro demais cada um deles e os levo em meu coração e em minhas memórias. Encerro um ciclo aqui, mas nunca me esquecerei do que eles foram para mim nesse processo. Meu muito obrigada a cada colo, a cada risada e cada reflexão em conjunto. Tenho muito orgulho dos laços que construímos.

À Lidyane Souza Querino, uma amiga, um anjo, o principal auxílio durante o processo árduo de escrita e de pesquisa para a construção desta monografia. Sem ela, eu não teria chegado até aqui. Obrigada por todas as conversas que me auxiliaram a organizar meus pensamentos e por compartilhar comigo suas experiências e seus sonhos. Você é uma potência inspiradora!

E, por fim, um agradecimento especial às cinco pessoas que colaboraram com esta pesquisa. São artistas, parceiros, que fazem muito com pouco, e me inspiram com sua trajetória. As conversas que tivemos foram motivadoras. Onde eu puder colaborar com a cena, eu estarei presente. Contem comigo e muito obrigada!

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. BREVE HISTÓRICO CARANGOLENSE</b> .....	10
<b>3. CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS</b> .....	15
3.1 O conceito de juventude e suas variações.....	15
3.2 O mercado de trabalho.....	18
3.3 A esfera pública subalterna.....	23
<b>4. A CONDIÇÃO JUVENIL E SUAS RELAÇÕES EXPRESSIVAS</b> .....	29
4.1 A base escolar.....	30
4.2 A base relacional: amigos e família.....	32
4.3 A base profissional.....	35
4.4 Relações entre capitalismo, arte e cultura.....	38
4.5 A esfera pública subalterna e a juventude.....	40
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45



## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca resgatar e analisar as narrativas construídas por jovens de Carangola/MG através de aspectos pessoais e suas produções culturais. A intenção é compreender quais fatores constroem e interferem nesses sujeitos sociais dentro de um contexto subalterno, a partir dos múltiplos aspectos culturais que influenciam nessa construção de si. Além disso, questiona-se como esses jovens se identificam e se organizam em conjunto dentro da esfera pública subalterna.

O desejo inicial que moveu a pesquisa foi o de reconhecer os mecanismos sociais que construíam jovens artistas e sonhadores dentro de nossa matriz social utilitarista. Além do desejo de fortalecer o movimento que esses jovens constroem em nossa sociedade, modificando, mesmo que minimamente, a lógica capitalista e padronizada em que vivemos. Dito isso, a intenção é apresentar um panorama da sociedade brasileira e das estruturas que definem a condição juvenil dentro do que vivemos, inclusive problemas sociais que são característicos do ser jovem no Brasil.

Dessa forma, ao estudar os temas, o foco foi se afinando para alguns pontos específicos que serão levantados a seguir, como os dados estatísticos sobre a permanência escolar e a precarização do mercado de trabalho; as novas tendências capitalistas deste mercado de trabalho; o tema da cultura e da condição juvenil; o contexto da esfera pública subalterna em comparação à esfera pública seletiva e, por fim, uma análise das entrevistas em comparação com os pontos teóricos apresentados, na tentativa de construir um panorama de como os jovens entrevistados se posicionam apesar dos problemas sociais apresentados. Sendo assim, o trabalho traz um estudo de caso para desenvolver a pesquisa.

Contudo, reforça-se a ideia da condição juvenil como uma condição múltipla e incerta, por perceber que os jovens lidam de forma diferente com essa fase da vida e com a interferência do contexto na qual estão inseridos, construindo um novo padrão de comportamento e de valores, centrados na liberdade, na autonomia e no prazer imediatos. Tal processo resulta no aparecimento de subculturas que podem expressar valores em resistência a um código cultural padrão, sendo esta uma nova identidade social para os jovens. Ressalta-se que o conceito de juventude também é plural, por isso, são apresentadas suas variações e, ao longo da pesquisa, é possível perceber qual dos conceitos se aproxima dos entrevistados.

A esfera cultural associada à juventude possibilita o surgimento de uma rede de relações múltiplas que pode ser essencial para o andamento da pesquisa, por isso, neste trabalho pensar o jovem implica pensar em um panorama infinito de possibilidades. Como ressalta Aldo Victorio Filho (2010, p. 105):

“Assim como a cultura pode ser compreendida como rede de micro produções, por vezes independentes, mas sempre interconectadas, o jovem, sem graves riscos de generalizações, pode ser associado à imagem do praticante de redes múltiplas, agentes mais apreensíveis sob a perspectiva da multiplicidade do que a unidade”.

Dessa forma, questiona-se de que forma os jovens se posicionam dentro dessa esfera cultural, da mesma forma que pretende-se perceber como lidam com as limitações da esfera pública subalterna e quais os resultados apresentados dentro dessa rede específica. Além disso, também é importante questionar o que move esses jovens e de que maneira eles se colocam em ação dentro do panorama construído, que muitas vezes é um panorama negativo. Com isso, pretende-se concluir como eles se organizam, agem e pensam dentro desse contexto, focando em uma esfera subalterna e cultural.

Para construir esta análise, foram feitas entrevistas com cinco pessoas integrantes de uma produtora chamada Orion. A produtora é de Carangola/MG e seus fundadores são carangolenses, mas os artistas que integram a equipe são de cidades variadas da região. Abaixo está sendo apresentada uma tabela (quadro 1) que resume as informações de cada participante, uma vez que, cada informação compartilhada é um fator importante na análise que será construída nesta pesquisa. Ressalto que os nomes foram modificados a fim de preservar as identidades dessas pessoas, logo, os que aparecerão nas apresentações e análises, tratam-se de nomes reais de cantores de rap do cenário brasileiro que inspiram os entrevistados, como o Emicida, Mano Brown, Djonga, Rincon Sapiência e Criolo.

NOME	IDADE	COR	OCUPAÇÃO
Danilo	25	branco	agente comunitário de saúde
Gustavo	26	branco	capoteiro
Kleber	26	negro	cabeleireiro
Paulo	24	branco	técnico em informática

Leandro	22	branco	estudante
---------	----	--------	-----------

A metodologia de pesquisa contou com análise documental das teorias apresentadas e de documentos oficiais da Secretaria de Cultura de Carangola/MG, a fim de construir uma base contextual para o andamento do projeto. Em seguida, foram realizadas as entrevistas. Como estamos no meio da pandemia da Covid-19, três das cinco entrevistas foram por online por vídeo chamada, e duas entrevistas, com os fundadores da Orion foram pessoalmente, mas seguindo todos os protocolos de segurança recomendados pela OMS, inclusive realizadas em um local aberto e arejado.

Dessa forma, o trabalho foi dividido em três capítulos na intenção de organizar melhor as informações. Com isso, o primeiro capítulo se trata de um contexto histórico de Carangola/MG, uma vez que é essencial para a análise, já que todos os aspectos estudados dependem completamente de seu contexto geográfico. No segundo capítulo, foram feitas as considerações conceituais, na tentativa de construir um caminho lógico entre as teorias analisadas. E, por fim, no terceiro capítulo, foram apresentadas as entrevistas em conjunto com as discussões levantadas pelos fatores coletados. Em seguida, conclui-se com as considerações finais e o fechamento das ideias levantadas durante toda a pesquisa.

## 2. BREVE HISTÓRICO CARANGOLENSE

Carangola é um pequeno município que conta, atualmente, com menos de 35 mil habitantes. É pertencente à mesorregião da Zona da Mata Mineira, localizada numa região de elo entre os Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, sendo uma cidade com base econômica estruturada na agricultura, pecuária e prestação de serviços.

A Zona da Mata é conhecida pelo cultivo do café, uma vez que a região apresenta as melhores condições climáticas para o cultivo desse grão. Por isso, e em conjunto com a disponibilidade de matas virgens, Carangola despontou como um grande centro produtor cafeeiro a partir do século XIX. Conseqüentemente, o crescimento urbano destaca a comunidade como referência regional, e assim, a elite carangolense começou a desejar a emancipação política. Mas somente em 1882 que se instalou o primeiro governo municipal.

“Mesmo com o período conturbado do final do século XIX, a cidade que antes era apenas um lugarejo, com poucas casas, alguns arruados e dois Largos (praças), prosperou e tornou-se um polo regional de comércio e um dos municípios com maior produção cafeeira do Estado (MERCADANTE, 1990, p. 100)”

Com isso, no início do século XX, Carangola apresentava seu apogeu do desenvolvimento econômico e social, apresentando-se como grande produtor cafeeiro e principal ponto de comércio regional. Inspirado no Rio de Janeiro, capital do país na época, e sobre influência da ideia de modernização e progresso que ocorria no mundo, a comunidade apresentou acelerado desenvolvimento urbano e social. Sendo importante ressaltar algumas iniciativas culturais pontuais como a criação de bibliotecas, teatros e um parque municipal, além da instalação de fábricas, casas varejistas, armazéns e etc.

Entretanto, com a crise de 1929, o preço da saca de café baixou drasticamente da noite para o dia e o comércio carangolense entrou em colapso e a produção cafeeira entra em crise. Dessa forma, o comércio que antes tinha relevância regional, entra em colapso com uma série de falências, e o período de desenvolvimento da cidade é substituído por um longo período de estagnação. Além disso, as disputas políticas municipais e estaduais inviabilizaram o crescimento local, uma vez que, algumas lideranças locais foram contra a Revolução de 1930, sendo elas excluídas da retomada econômica.

“Como Paulo Mercadante descreve: ‘[...] A comunidade teve a sua estagnação decretada, mas de pé ficou a estrutura cultural com fisionomia arquitetônica e urbanística, que retrata o apogeu do café’ (1990, p.137).

Assim como, entre os moradores ficou a lembrança e a memória de um tempo marcante de desenvolvimento social e econômico, que definiu uma identidade local da comunidade carangolense.” (PIMENTEL, Eduardo, 2016, p. 154)

Com isso, é importante ressaltar que esse breve histórico do território carangolense é essencial para reconstruir a formação e as relações de processos identitários dos moradores com o município. Dessa forma, afunilando para questões culturais, é necessário frisar alguns eventos importantes para a construção cultural da cidade. Sendo eles: a Exposição Agropecuária, que se dá anualmente, a fundação do Museu Municipal e o estabelecimento da Secretaria de Cultura da cidade. Além de destacar a Praça Matriz da cidade como um aparato cultural central.

A Exposição Agropecuária de Carangola é um evento que se iniciou em 1944 e se repete anualmente, o foco é dado a partir de mostras de máquinas agrícolas, industriais, objetos artesanais e o melhor da pecuária, com exposição do mais premiado gado leiteiro. O evento dura uma semana e conta com apresentações musicais diárias, normalmente são nomes importantes da música sertaneja ou do forró, ritmos mais familiarizados com o contexto agropecuário, e também nomes importantes da música regional, priorizando artistas da cidade. O evento também conta com um pequeno parque de diversões, com brinquedos variados e interessantes para todas as idades.

Ressalta-se este evento como importante para o desenrolar do trabalho, visto que a Exposição se tornou um espaço de integração e confraternização entre a população carangolense. Mas não só isso, foi um dos primeiros eventos capaz de fomentar a cultural a nível municipal, sendo também responsável pelo surgimento da ideia de um museu municipal. Isso porque, em 1952, foi organizada uma mostra de alguns objetos considerados históricos em um dos pavilhões da Exposição. Se tratava de um acervo familiar e contava com alguns objetos como: caixa de música dos primeiros habitantes, porcelana da extinta CIA Industrial Carangolense, troncos de escravos e cartas de patente de oficial da Guarda Nacional de fazendeiros. Segundo Carelli (CARELLI, 1976), apesar do pequeno número de objetos, a mostra foi muito bem aceita na comunidade, gerando uma imensa curiosidade entre os visitantes.

Alguns anos depois, em 1959, com a posse do prefeito Dr. José Carlos de Souza (PTB) estabeleceu-se um governo que priorizava a modernização e a estruturação do município, com o lema “Valorizar as iniciativas culturais a fim de recuperar o antigo prestígio

dos idos de 1925” (FOLHA DA MATA, 1958, pp. 1). Com isso, o jornalista e eleito Vereador Jayro Motta Hosken foi um dos primeiros a defender a criação de um museu e de uma biblioteca para o município, dessa maneira, iniciou-se uma grande campanha em prol da cultura local (PIMENTEL, Eduardo, 2016, p. 155)

No mesmo ano, foi criada a lei que determinava algumas funções do Arquivo e do Museu. O Vereador Jayro Hosken se utilizou do jornal Folha da Mata, a qual era colunista, para pedir doações à população de materiais que contassem um pouco a história da cidade e que poderiam estar em exposição. Em 1960, foi feita a primeira exposição do “Museu Histórico-Geográfico-Científico Carangolense”, de forma provisória, nas salas da arquibancada do Estádio Municipal 7 de Janeiro (atualmente Estádio Municipal Roseny Soares), enquanto acontecia a XVI Exposição Agropecuária Industrial de Carangola.

Contudo, em 1968, o Museu foi desativado e o resto do acervo foi guardado em depósitos da prefeitura. Somente nos anos 1970 que outra campanha foi proposta de revitalização do Museu Municipal devido à comemoração do centenário da cidade. Entretanto, a instalação do Museu sempre foi um desejo com muitas dificuldades de realização, principalmente por questões de localização. Ao longo dos anos houve constante diálogo com a população sobre a importância do estabelecimento do acervo do Museu, porém, somente em 1982 que o Museu foi reinaugurado, como “Museu Histórico Municipal”.

Insisto na construção do Museu Municipal pois, a partir das pesquisas locais e ao conversar com a população carangolense, esse local se torna o centro cultural cidade. Ele costuma ser o ponto referência da cultural carangolense, por reunir objetos que contam a nossa história. Entretanto, é um local com dificuldades de se manter desde seu início. Por exemplo, em 1997, foi criada a Secretaria Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Patrimônio Cultural, e o Museu e o Arquivo ficaram subordinados a essa Diretoria Municipal de Cultura.

Apesar disso, devido a inexistência de estrutura, funcionários e apoio financeiro, Helen Queiroz, a secretaria, pede exoneração do cargo em 1998. Já em 1999, por causa de uma contenção de gastos da Prefeitura, a Secretaria Municipal de Cultura é extinta, atingindo também o Museu. Em 2001, a Secretaria é reativada, porém, sem o funcionamento do Museu. Em 2002, devido às chuvas intensas, o barranco atrás do Museu desaba e destrói parte do acervo, dificultando mais ainda a existência do Museu.

“Essa configuração da administração municipal foi e é um grande problema para a instituição, pois a cada gestão, as políticas, os profissionais e os trabalhos são paralisados e alterados, não há continuidade nas ações. Como o Museu Histórico Municipal não possui um quadro de funcionários lotados ou específicos para o Museu, a instituição fica sem direção, sem planejamento e negligenciada. Fica exposta ao interesse do gestor municipal que, na maioria das vezes, não enxerga ou atende ao Museu”. (PIMENTEL, Eduardo, 2016).

Depois de um período de instabilidade, na gestão de 2004 a 2009, com o Prefeito Dr. Fernando Costa, a Secretaria Municipal de Cultura, Turismo, Esporte e Patrimônio Cultural é reativada com a direção de Amélia Maria Monteiro de Castro. É a partir dessa gestão que se inicia uma série de ações voltadas para a pasta, e também, onde se começa a encontrar documentos oficiais que catalogam as mudanças e os projetos que aconteceram dentro da Secretaria.

Sendo assim, é perceptível que os aparatos de cultura são negligenciados dependendo da gestão municipal em voga. Isso acontece até hoje, uma vez que, atualmente, em 2022, o Museu Histórico Municipal se encontra fechado desde 2019 e seu acervo está novamente em depósitos da prefeitura. Porém, como a gestão atual 2021-2024 tem mantido seu foco na reestruturação da Secretaria de Cultura e suas questões, há um local em reforma com a intenção de receber esse acervo e, assim, novamente, será possível reinaugar o Museu.

Um ponto importante para que a ideia da revitalização do Museu seja posta em prática é a nova gestão da Secretaria de Cultura, que se iniciou em 2021 e estará presente até 2024. É com essa gestão que foi possível criar uma linha de comunicação ativa para a realização do trabalho e são eles os responsáveis pela

Outra questão que dificultou o processo desse trabalho é a falta de documentação sobre as variadas fases da Secretaria de Cultura e do Museu Municipal ao longo das gestões políticas, sendo essa uma evidência do descaso com esse setor. Foi possível encontrar um trabalho publicado específico sobre o Museu, que colaborou bastante com a escrita deste capítulo, mas nele é possível destacar que há lacunas em alguns períodos por falta de evidências. Como é possível perceber:

“Sobre a tipologia do acervo, quantidade de peças, concepção expositiva, registros e demais informações sobre a abertura e funcionamento do museu, nesse período, infelizmente não foi possível verificar pois praticamente não existem informações e dados a respeito. [...] Sem um responsável diretamente pelo acervo, os objetos e registros foram aos poucos sumindo.

Infelizmente não existe sequer um registro ou catálogo do acervo dessa época.” (PIMENTEL, Eduardo, 2016, p. 144)

Por isso, também não foi fácil encontrar documentos que catalogassem a ação da Secretaria de Cultura ao longo dos anos. Dado que ela sempre foi uma pasta negligenciada, dependendo da gestão que estava em voga, e essa falta de documentos deixou algumas lacunas na análise. A gestão atual, que entrou em vigor em 2021 e fica no poder até 2024, foi muito solícita, possibilitando a pesquisa em seus documentos antigos para construir esse histórico. É possível perceber que a gestão atual se esforça para realizar novos projetos, uma vez que estão auxiliando na construção dessa pesquisa e deixaram portas abertas para a construção de projetos práticos em conjunto.

### **3. CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS**

#### **3.1 O conceito de juventude e suas variações**

A juventude é um conceito amplo e sua definição pode ser feita através de variados pontos de vista. Além de englobar pessoas da mesma faixa etária, existem diferenças em conceituar que são baseadas em características diversificadas que se apresentam aos jovens dependendo do contexto no qual estão inseridos, levando em conta aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais. Dentro da perspectiva de um conceito heterogêneo, juventude é ao mesmo tempo uma condição social e uma representação (PERALVA, 1997, apud. DAYRELL, 1999). Por isso, a literatura atual se utiliza da palavra “juventudes” para discutir o conceito, por perceber múltiplas singularidades na construção das identidades desses jovens.

Segundo a Política Nacional de Juventude (PNJ), a juventude é definida a partir da faixa etária, sendo todo cidadão ou cidadã entre os 15 e 29 anos considerados jovens. Há uma subdivisão em 3 grupos, sendo eles: jovens adolescentes os indivíduos de 15 a 17 anos; jovens-jovens as pessoas de 18 a 24 anos e jovens adultos os de 25 a 29 anos. Já para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a juventude é uma categoria sociológica, sendo um momento de preparação dos sujeitos para assumirem o papel de adultos na sociedade, abrangendo a faixa etária de 15 a 24 anos.

Para Pais (1993), em sua análise sobre a literatura da sociologia da juventude, existem duas vertentes para classificar o conceito em questão. A primeira seria uma vertente geracional, que define a juventude como uma fase da vida de forma homogênea, baseada em termos etários. Já para a segunda, a vertente classista, a juventude seria um conjunto diversificado, e que devido às diferentes origens de classe, variam-se as formas de reprodução social e cultural. A partir disso, as culturas juvenis seriam produtos das relações antagônicas das culturas de classe, produzindo um significado de resistência.

Segundo Juarez Dayrell (1999), essa dualidade apresentada por Pais (1993) não oferece todas as ferramentas possíveis para análise de um grupo tão complexo, uma vez que ainda delimita a questão em polaridades. Por isso, ele busca construir uma noção de juventude através da diversidade de fatores, considerando os contextos e os diferentes sistemas de interações sociais e simbólicas que interferem na trajetória desses jovens. Sendo assim, o autor faz uma relação dos principais aspectos a se levar em consideração nessa discussão, como escola, trabalho e contexto social de origem, delimitando enfim uma condição juvenil.

Dessa maneira, a noção de juventude é dirigida a indivíduos que se encontram em processo de formação e transformação, definida a partir de sua transitoriedade para a vida adulta, quando as pessoas devem assumir integralmente suas funções produtivas e reprodutivas, assumindo os direitos e deveres implicados em uma participação social plena (Abramo, 2008, p.110)

“A juventude é vista como um vir-a-ser, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido de suas ações no presente. A fase adulta é vista como plenitude, na condição plena de cidadania, o resultado que dá sentido às fases anteriores, vistas sempre na perspectiva de preparação.” (Dayrell, 1999, p.16)

Desse modo, há uma tendência a encarar a juventude sob uma ótica negativa, sobre o que ainda não se tem. Além de ser um momento de fechamento de ciclos e início de outros característicos da vida adulta, como o término dos estudos, a inserção no mundo do trabalho formal, passar a viver por conta própria e formar uma família (Cavalli, 1997).

Em nossa sociedade capitalista, a participação social de um cidadão é entendida como plena a partir de sua colaboração no mundo do trabalho. Por isso é interessante pensar em prerrogativas como a de Cavalli (1980), onde ele afirma que o fenômeno da juventude era privilégio dos filhos das classes superiores, que podiam dedicar seu tempo aos estudos e à profissionalização através de colégios militares ou universidades. Ressaltando que a noção de juventude construída na modernidade é fruto da burguesia, como já foi evidenciado por Pais (1993).

Normalmente, às pessoas que vivem no limiar da precariedade, a vida adulta quando estritamente associada ao trabalho, começa assim que possível, às vezes ainda na infância, inviabilizando a vivência plena das fases da vida. Contudo, o privilégio da juventude não era dado aos pobres, uma vez que, para eles, não havia a chance de aproveitar uma fase da vida sem grandes responsabilidades.

Dessa forma, a juventude como fase transitória carrega um ponto de vista negativo, ao levar em conta as crises e mutações profundas pelo qual passa a sociedade brasileira e suas instituições socializadoras consideradas responsáveis pela formação moral do sujeito, como a escola, o trabalho e a família. Ao mesmo tempo que o indivíduo também passa por uma fase de crises e mutações profundas durante a construção de sua identidade. Por isso, e devido à falta de identificação com o espaço e a estrutura dessas instituições, tanto a escola quanto o trabalho não mais constituem a referência principal de valores na construção dos jovens como sujeitos (Dayrell, 1999).

No presente trabalho, as noções de juventude serão questionadas de acordo com as realidades analisadas durante as entrevistas. Porém, não pretendemos carregar um olhar negativo sobre os sujeitos estudados, uma vez que, é um desejo não reproduzir a definição dos jovens como problemas políticos a serem solucionados. É interessante perceber esses jovens a partir de suas interações positivas em nossa sociedade, ressaltando as relações saudáveis e construtivas, além dos resultados obtidos a partir disso. Todavia, durante as considerações conceituais, serão levantados dados que constroem um panorama negativo, mas que ainda é a realidade da sociedade brasileira.

Continuando, sobre a escola, os problemas não se encontram somente no acesso ao ensino de qualidade para todos, mas também, e principalmente, na capacidade de permanência dos estudantes. Apesar de ter aumentado a proporção de pessoas com 25 anos ou mais com ensino médio completo, passando de 47,4% em 2018 para 48,8% em 2019, mais da metade (51,2%) dos adultos brasileiros não completaram essa fase escolar, segundo dados da PNAD Contínua divulgados em 2019. Dentre as 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos no país, 20,2% não completaram alguma das etapas da educação básica. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos (PNAD, 2019).

Em 2019, foi a primeira vez que a pesquisa apresentou dados sobre o abandono escolar, e entre os motivos principais para taxas tão altas se encontram a necessidade de trabalho (39,1%) e a falta de interesse (29,2%). Entre as mulheres, os dados englobam a gravidez (23,8%) e a responsabilidade com afazeres domésticos (11,5%). Com isso, a dificuldade da permanência do aluno vai de encontro a questões já levantadas, como a questão financeira e a necessidade de trabalhar desde cedo, além da relação familiar e falta de infraestrutura da escola, que provocam o desinteresse e a falta de conexão. Tais fatores combinados provocam mais de 1,1 milhão de pessoas fora da escola (PNAD, 2019).

Levanta-se esses dados para questionar o quanto a ausência de instituições socializadoras estruturadas interfere na condição juvenil e, conseqüentemente, na construção da identidade desses jovens. A escola, que deveria ser um espaço sociocultural de produção de valores e construção de identidades, se apresenta como um ambiente opressor e violento devido às dificuldades de responder às demandas de comunicação e identificação com a necessidade dos jovens. Como disse Paulo Freire sobre a realidade estudantil (1987: 43): “A situação de opressão em que se formam, em que realizam sua existência, os constitui nessa dualidade, na qual se encontram proibidos de ser”.

Em um contexto de ausências do Estado quando se trata de escola e trabalho, as famílias têm um papel central na responsabilidade de garantir a segurança de seus membros. Mas não só isso, devido ao desamparo governamental em garantir o básico para um crescimento seguro e saudável de nossa juventude, o Estado acaba responsabilizando a família, ou a ausência dela, por problemas que resultam desse desamparo. Como lembra Telles (1992 apud. Dayrell, 1999): “A centralidade da família pode ser vista como registro de uma sociedade na qual a chamada questão social foi equacionada nas formas de pobreza colonizada, despolitizada e privatizada nas suas formas de manifestação. ”

Em contrapartida, há uma tendência a considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, pela ausência de identificação com gostos e interesses em comum. Por isso, frequentemente, transformam seu grupo de amigos em sua própria família, permitindo novas experimentações em novos espaços e contextos sociais onde há identificação com o meio. Tal conexão é um aspecto importante para o sucesso da socialização do indivíduo e, a partir disso, possibilita a construção da personalidade e da autoestima em um ambiente seguro.

Por isso é tão importante e necessária a análise dos fatores que possibilitam a condição juvenil. Isso porque o nível de interferência dessas instituições afeta o desempenho da construção de uma personalidade e de uma autoestima, e somente a identificação e o acolhimento dado em espaços privilegiados de sociabilidade podem colaborar. Sendo assim, para este trabalho, os fatores apresentados serão levados em conta na análise sobre a vida dos entrevistados.

### **3.2 O mercado de trabalho**

O trabalho constitui um dos pilares mais importantes para a compreensão plena dos fatores estruturantes para o jovem em nossa sociedade. Isso porque, o trabalho era visto como um espaço de formação humana, possibilitando uma fonte de produção de valores e de expressividade. Entretanto, perdeu-se tais elementos, uma vez que o mesmo foi reduzido a uma necessidade de sobrevivência, e ainda sim, uma sobrevivência precária.

Ressalto aqui, que estas são características latentes de jovens que vivem no limiar da subalternidade, em especial pelos segmentos afetados historicamente pela desigualdade como jovens negros e/ou mulheres pobres. Para eles, as alternativas que se apresentam são

empregos precários ou “bicos”, normalmente mal remunerados e de baixa qualificação, com jornadas longas e sem direitos, exigindo também a conciliação entre estudo, trabalho e família.

A população jovem é a mais vulnerável e apresenta maior desvantagem, afinal possui menos experiência profissional, pouca qualificação, baixa escolarização, menores índices de estabilidade e de oportunidades, funções menos prestigiadas e menos remuneradas, absorção informal, irregularidade de funções ou do trabalho, num ciclo contínuo de exclusão e inserção precária no mundo do trabalho (SILVA; LOPES, 2009, p. 96)

Como aponta Corrochano (2013), diferentemente das décadas anteriores, quando a inserção em uma ocupação regular após o período escolar era quase imediata devido à centralidade da economia manufatureira, o mercado atual transformou o processo da inserção profissional em um caminho cada vez mais longo e difícil. O índice de desemprego entre jovens é sempre maior do que a média da população em geral, a taxa de desocupação entre jovens de 15 a 29 anos no país, em 2015, marcava 16,1%. Em 2019, saltou para 22,2% no mesmo período (Brasil, 2019). Além disso, dentre os jovens que trabalham, de acordo com os dados da PNAD Contínua de 2019, 49,4% deles se encontram na informalidade, enquanto somente 28,4% estão inseridos no mercado de trabalho formal.

É nesse contexto que a inserção juvenil e a transição escola-trabalho se tornam problemas políticos, na medida em que se interrompe a passagem entre a escola e o mundo do trabalho (Dubar, 2001). Por isso, o governo promoveu políticas públicas que fossem voltadas ao público jovem em relação ao trabalho e que auxiliassem na resolução dessa problemática. Logo, foram criados programas e projetos a nível nacional que pensavam solucionar o problema através da qualificação dos jovens, portanto a extensão dos estudos, para que assim, adentrassem ao mundo do trabalho de forma mais preparada, na esperança de melhores empregos, melhores salários e garantia de estabilidade. Programas estes de capacitação técnica como, por exemplo, o Pronatec, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego.

Segundo Abad (2002), a evolução das políticas de juventude na América Latina foi determinada pelos problemas de exclusão dos jovens da sociedade e os desafios do processo de transição e integração ao mundo adulto. Com isso, o autor analisa quatro modelos distintos de políticas da juventude, como a ampliação da educação e o uso do tempo livre; o controle social de setores jovens mobiliados; o enfrentamento da pobreza e a prevenção do delito; e por fim, a inserção laboral dos jovens excluídos.

“Problemas reais, identificados principalmente na área da saúde, da segurança pública do trabalho e do emprego, dão materialidade imediata para se pensar as políticas de juventude sob a égide dos problemas sociais a serem combatidos. Nesse processo é possível reconhecer que, em muitas formulações, a própria condição juvenil se apresenta como um elemento problemático em si mesmo, requerendo, portanto, estratégias de enfrentamento dos “problemas da juventude”. Isso se expressa, por exemplo, na criação de programas esportivos, culturais e de trabalho orientados para o controle social do tempo livre dos jovens, destinados especialmente aos moradores dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras.” (SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César, 2003)

Dessa forma, as políticas públicas para os jovens são pensadas a partir do ponto de vista dos sujeitos como um eixo problemático para a sociedade. Ao longo da literatura sobre o assunto, percebe-se que a juventude é vista como possibilidade de corrupção dos costumes, de subversão à ordem pública, como promotores ou vítimas de situações de violência, e ainda como sujeitos vulneráveis frente ao desemprego e à perda de vínculos institucionais (CARRANO, Paulo, 2013). Por isso, a condição juvenil era percebida como um problema a ser resolvido e as políticas públicas acompanhavam a ideia.

Recentemente, em 2020, a fase pandêmica agravou os problemas já citados anteriormente no grupo em questão. Durante a pandemia da Covid-19, a taxa de desocupação entre jovens de 18 a 24 anos chegou a marcar 31,4% no terceiro trimestre de 2020, segundo o IBGE. A pandemia afetou diretamente a taxa de empregados no país, principalmente entre os empregados formais com carteira assinada. Devido às restrições de saúde pública aplicadas na quarentena, muitos estabelecimentos tiveram que permanecer fechados durante meses, provocando a demissão de grande parte dos trabalhadores de prestação de serviços e, até mesmo fechando os negócios, afetando também os empregadores. A taxa de desemprego marcou 14,7% de desempregados no país no primeiro trimestre de 2021, sendo o segundo maior índice de desemprego desde que o IBGE começou a pesquisa, há 12 anos atrás.

Nesse contexto, se fortaleceu ainda mais o empreendedorismo como saída para a falta de emprego. A única categoria profissional que cresceu no período analisado é a de trabalhadores por conta própria, que registrou um avanço de 3% no primeiro trimestre terminado em fevereiro de 2021. Enquanto enfraquecia a ideia dos programas voltados a inserir os jovens no mercado formal de trabalho, há uma crescente difusão de afirmativas voltadas a incentivar o empreendedorismo (Tommasi, 2018). Mesmo que o Brasil não apresente um contexto favorável para a inserção desses novos modos econômicos uma vez que a formação escolar é baseada na perspectiva de uma função laboral de dependência na

inserção no mercado de trabalho, além da falta de suporte institucional de auxílio para a formação e oferta de créditos.

Isso acontece pois enfrenta-se uma onda de terceirização do trabalho e enfraquecimento das medidas orientadas pela CLT. Além disso, há a emergência da terceirização dos contratos, em plena massificação do desemprego e precarização das relações de trabalho (POCHMANN, Marcio, 2016, p. 61). O movimento da terceirização é perigoso pois transfere a responsabilidade de garantir os direitos do trabalhador à uma empresa, aumentando as chances de empregos precários e sem os benefícios que a CLT garante.

Essa tendência tem sido chamada de “uberização do emprego”, baseado inicialmente na disseminação dos carros de aplicativo, como o Uber. Nesse aplicativo, o motorista gerencia seu próprio trabalho, dando a ideia de um ser empreendedor de seu próprio negócio, porém, o que realmente define este trabalhador seria um “autogerente subordinado”, dado que os principais meios para a atividade produtiva dependem do próprio trabalhador e ele se encontra subordinado ao gerenciamento algorítmico do trabalho (ABILIO, Ludmila Costhek, 2022).

Portanto, mais do que resolver o problema do desemprego, através dessa nova perspectiva, a urgência é a de formar indivíduos que se adequem à essa estrutura de empreendimentos. Sendo assim, percebe-se a intenção de trabalhar na formação de competências necessárias para o sucesso como empreendedor, investindo na produção de si, transformando as aptidões humanas em capital, como tem sido feito com a criatividade, por exemplo. Logo, o empreendedor seria um tipo de personalidade. Como argumenta Rose (2011, p. 215):

“O vocabulário do empreendedorismo une a retórica política e os programas regulatórios às capacidades de “autodireção” das pessoas. [...] Refere-se a uma série de regras para a conduta da existência diária de uma pessoa: energia, iniciativa, ambição, cálculo e responsabilidade pessoal. O self empreendedor fará da sua vida um empreendimento, procurando maximizar seu próprio capital humano, projetando seu futuro e buscando se moldar a fim de se tornar aquilo que deseja ser [...].”

Dessa maneira, se tornar empreendedor passou a ser uma alternativa concreta às altas taxas de desemprego e trabalho precário reservado aos jovens brasileiros, a fim de conseguirem concretizar seus sonhos. Ter o próprio negócio representa a possibilidade de fazer acontecer o que desejam para o mundo e para si, sustentando também atividades

coletivas através deles. Tecnicamente, dessa forma, o sucesso financeiro seria garantido, já que ele passa a depender somente do empreendedor responsável em questão.

Entretanto, incentivar a criação de uma personalidade empreendedora como solução ao desemprego é tendenciosa, pois enfatiza ainda mais a tendência capitalista de transformar o indivíduo em capital humano. Agora, não somente suas ações e funções que são transformadas em trabalho, mas também, sua personalidade, suas individualidades, sua criatividade. Consequentemente, acaba por responsabilizar o jovem por seu próprio sucesso, seguindo uma lógica meritocrática e tirando por completo a responsabilidade do Estado pelas suas ausências no mundo do trabalho.

Como já foi comentado, a manufatura cedeu lugar à informação como fonte geradora de riqueza, as regras da economia mundial estavam mudando nas últimas duas décadas (Nicolaci-da-Costa, 2012). Dessa forma, passa-se a entender a informação como um novo campo simbólico de poder, criando uma nova estrutura social que aproxima cidadania, comunicação de massa e consumo. A partir dessa nova estrutura, a criatividade se tornou elemento essencial para fomentar a economia, e os jovens são considerados potencialmente mais criativos, inovadores e ousados. Até porque, como afirma Dayrell (1999): “na construção dos modos de vida juvenil, o mundo cultural ocupa uma centralidade”.

A partir disso, a tendência é que cada vez mais cresça esse tipo de mercado em nossa sociedade. No Brasil, o crescimento médio anual da indústria criativa é de 8,8% ao ano. Se considerada toda a produção desse setor, estima-se o equivalente a 18% do PIB nacional (dados site SEBRAE). O Brasil está entre os grandes produtores mundiais de criatividade, movimentando mais de dois milhões de empresas no país. Através desta ótica da geração de renda, tem sido cada vez mais utilizada em espaços empresariais a profissionalização da criatividade, através de práticas que profissionalizam os mecanismos de subjetivação da criação dos sujeitos (Almeida; Pais, 2012).

Observa-se que cada vez mais a cultura tem sido um eixo importante na estrutura da nossa sociedade de mercado. Isso por notarem a rentabilidade de uma percepção mais criativa e particular do processo de trabalho. Vivemos em uma era da informação, computadorizada e inteligente, por isso, as formas de trabalho se modificaram de forma radical. A economia criativa se tornou um pilar lucrativo de nossa sociedade capitalista, ao mesmo tempo que foi

interpretada como o quarto pilar do desenvolvimento sustentável, segundo a Rio +20, que aconteceu em 2012 no Brasil.

Dessa forma, o Estado responde com a criação da Agenda 21 da Cultura em resposta aos desafios desenvolvimentistas que a humanidade enfrenta no século XXI. A Agenda 21 é um documento que propõe a cultura como dimensão chave das políticas urbanas, entendendo que é papel fundamental das autoridades locais potencializar a possibilidade de uma cultura aberta e diversa e que transforme a globalização a serviço de seus cidadãos.

Tal documento compreende a cultura como um dos pilares do desenvolvimento deste século ao identificar o surgimento de novos atores na cena cultural contemporânea e ao dar visibilidade a conflitos como questões de gênero e convivência social no espaço urbano (site sesc sp). Como seu princípio 10º, a Agenda 21 apresenta:

“A afirmação das culturas, assim como o conjunto das políticas que foram postas em prática para o seu reconhecimento e viabilidade, constitui um fator essencial no desenvolvimento sustentável das cidades e territórios no plano humano, econômico, político e social. O caráter central das políticas públicas de cultura é uma exigência das sociedades no mundo contemporâneo (FÓRUM, 2004, p.5).

### **3.3 A esfera pública subalterna**

Fernando Perlatto, em seu artigo intitulado “Seletividade da esfera pública e esferas públicas subalternas: disputas e possibilidades na modernização brasileira”, analisa o conceito de “esfera pública” para Habermas, apresenta sua seletividade e as críticas que esse modelo carrega para, enfim, apresentar a possibilidade de um novo espaço alternativo chamado por ele de “esferas públicas subalternas”. Relacionando com análises de Nancy Fraser e Gayatri Spivak, o autor apresenta aspectos que constroem a definição dessa esfera pública dentro do contexto brasileiro.

A formulação do conceito de esfera pública para Habermas descreve o processo de configuração de um novo espaço entre a sociedade e o Estado, a partir do século XVIII e em um contexto europeu, que tinha como principal característica o debate livre e racional entre os cidadãos. Tal configuração seria como um “fórum” para debater questões públicas e construir opiniões críticas que seriam capazes de problematizar publicamente a legitimidade do Estado.

Nesse espaço, a opinião era legitimada pela força dos melhores argumentos racionais mobilizados em debate público (Perlatto, 2014).

No século XIX, devido ao processo de democratização e ampliação do público, essa esfera passou a ser um espaço de pressão, exigindo ao sistema político a consideração dos interesses públicos. No século XX, houve gradativa degeneração da esfera pública em decorrência da divisão cada vez mais clara entre o público e o privado, transformando a condição do cidadão em cliente. Nessas transformações, a esfera pública deixa de ser uma instituição histórica específica, se vinculando à capacidade a-histórica do homem para a comunicação humana (Calhoun 1992; Lavallo 2002 apud Perlatto 2014). Dessa forma, associa-se a esfera pública aos fluxos comunicativos espontâneos, na qual os valores democráticos se formam e se reproduzem a partir de redes de comunicação e tomadas de posição (Habermas 1992; 2012 apud)

Ao longo do tempo, várias críticas foram tecidas sobre este modelo clássico de esferas públicas segundo Habermas. Pela racionalidade já característica das análises do autor, alguns trabalhos posteriores enfatizaram a ausência de aspectos culturais e identitários na discussão, além da pouca importância conferida à religião na configuração da esfera pública (Baker 1992; Elley 1992; Zaret 1992). Também, pelo seu viés pessimista, a partir da degeneração da esfera pública no século XX, o autor desconsidera a possibilidade da participação de novos segmentos sociais e de fluxos comunicativos alternativos, por meio da pressão de associações desvinculadas ao mercado e ao Estado (Calhoun 1992; Avritzer 2000; Costa 2002).

Sendo assim, foram manipuladas novas maneiras de interpretar a esfera pública, uma vez que ela foi constituída a partir da exclusão de diversos segmentos da sociedade. Nancy Fraser foi uma das autoras críticas ao modelo estabelecido e que propôs novas objeções, desenvolvendo o conceito de “subaltern counterpublics” (Fraser, 1992). Para ela, “Frente a esse quadro de exclusão, os *subaltern counterpublics* constituíram arenas discursivas paralelas por meio das quais criaram e circularam discursos contestadores, de sorte a formularem interpretações e definirem suas identidades, interesses e necessidades (Fraser, 1992). Logo, o conceito de subaltern counterpublics para a autora se dá em contraposição à esfera pública já existente, sendo os primeiros necessariamente contrários às ideias desta última. O debate de Nancy Fraser discute a construção seletiva da esfera pública dentro do contexto europeu, criticando o conceito já existente e propondo novas formulações a partir disso.

Já no contexto brasileiro, a construção da esfera pública se dá a partir de aspectos específicos de nossa história. Característico de um país periférico e estratificado como o Brasil, a sociedade é marcada por altos índices de exclusão de certos grupos sociais que fogem da hegemonia branca e masculina, possibilitando a definição de uma esfera pública seletiva. Não que a esfera pública europeia ou estadunidense não fosse seletiva também, porém, aqui, essa seletividade ganhou novos contornos, sendo mais significativa e sistemática no Brasil. Como disse o autor:

“A construção de uma sociedade altamente excludente como a brasileira, marcada por altos índices de analfabetismo e pelo desprezo frente ao trabalho manual, tido como “coisa de escravo”, desde a Independência, permitiu a edificação da noção de que apenas alguns seletos seriam aptos a operar na esfera pública, organizando o debate público e instituindo o campo semântico em que ele se deu, selecionando temas e constituindo interlocutores legítimos.” (Perlatto 2014).

Dessa maneira, os setores dominantes são os que formulam ideias e percepções disseminadas na sociedade. Como foi explicitado pelo autor, o início da construção de uma esfera pública brasileira se deu com a chegada da família real e a Abertura dos Portos em 1808, quando mudanças políticas, culturais, econômicas e sociais desencadearam uma série de transformações na vida e nos costumes dessa sociedade, como o surgimento da “vida intelectual”. A partir da criação de instituições culturais como a Biblioteca Real, a Imprensa Régia, o Jardim Botânico e a Academia de Belas Artes, além de teatros e museus, estimulou o aparecimento de um ambiente favorável a reuniões, encontros e discussões públicas. A partir disso, surgem os primeiros consumidores regulares de arte e literatura, resultando no início da intelectualidade brasileira. (Perlatto 2014; Candido 1971).

No decorrer do século, associações científicas, culturais e literárias ficaram cada vez mais frequentes, se configurando como espaços de animação intelectual e debates sobre questões públicas (Rezende de Carvalho 2007, p. 19 apud). Contudo, os debates propostos pela elite intelectual do Império claramente não alcançavam toda a população. Os debates se resumiam aos interesses da seletiva elite intelectual que tinha o direito de participar desses espaços “mais democráticos”. Um agravante definitivo à época era o número muito elevado de analfabetos no país. De acordo com censo realizado em 1872, apenas 23,43% dos homens livres e 13,43% das mulheres livres sabiam ler e escrever. Se incluíssem os escravos na contagem, somente 15,75% da população era considerada alfabetizada (Chalhoub 2006).

Além disso, a elite intelectual não tinha interesse em permitir que questionassem o *status quo* da sociedade brasileira, uma vez que debates demonstravam ameaça à fragmentação territorial, incitando rebeliões escravas e revoltas provinciais. Por isso, não era permitido, aos personagens do mundo subalterno, a participação na esfera pública seletiva, pois, os temas de interesse de discussão desses grupos, como a escravidão e o exclusivo agrário, poderiam pôr a ordem em cheque (Perlatto 2014). Em consequência disto, iniciou-se uma crise da hegemonia imperial, já que o Estado começou a se mostrar incapaz de atender às necessidades da sociedade em modernização econômica, expansão demográfica e ampliação do leque de demandas sociais (Salles 1996).

Já no século XX, acompanhada de intensa industrialização, urbanização e modernização, as novas elites buscavam uma gestão social baseada em modelos europeus ou norte-americanos, cancelando toda a herança do passado histórico do país. Durante o governo Vargas, na tentativa de imprimir novos rumos à modernização, o presidente ampliou a esfera pública e os direitos sociais no Brasil, sobretudo com o fomento da classe média e da classe trabalhadora. Através da construção de uma nova relação entre público e privado, buscou-se atender os interesses do empresariado e dos operários, subjugando o mundo do trabalho à razão do Estado.

O período ditatorial serviu para regredir o processo de democratização da esfera pública. Durante a fase autoritária, expandiu-se a economia e a autonomia do país, em detrimento da separação entre o privado e o público, com sobreposição do primeiro sobre o segundo (Werneck Vianna & Rezende de Carvalho 2000). Dessa forma, a esfera pública se transformou em uma alavanca dos interesses dominantes da esfera privada, priorizando a dimensão econômica em detrimento da dimensão política.

Após essa fase, a Constituição de 1988 se tornou um marco da mobilização da sociedade civil, constituindo-se como elemento essencial para lutas democráticas. Além disso, possibilitou novos canais de participação da sociedade, recuperando o tema da pedagogia do civismo através da dimensão pública, agora animada pelo princípio da auto-organização e não pela presença tutelar do Estado (Werneck Vianna & Rezende de Carvalho 2004).

Sendo assim, a construção da esfera pública seletiva no Brasil permitiu a permanência da hegemonia das classes dominantes, sustentando a estrutura de uma sociedade altamente desigual. Com isso, é característico da hegemonia a repressão e o controle social das classes

subalternas a fim de extinguir as definições de mundo contrárias à vigente. Entretanto, a esfera pública seletiva não possui grau de organização coeso, permitindo brechas para os subalternos resistirem e se exprimirem contra a predominância desses grupos hegemônicos na sociedade.

Na constante busca do espaço público negado, os setores populares criam formas expressivas fora da cena, buscando resistir à exploração material, à violência física e à dominação simbólica, questionando os limites da ordem e construindo “discursos ocultos”, muitas vezes em formato de performance, buscando romper com a homogeneidade do discurso oficial. Como afirma Fernando Perlatto (2014) em sua definição:

“[...] os setores populares no Brasil, foram capazes de resistir à imposição hegemônica construída na esfera pública seletiva, logrando estabelecer, em determinados momentos, esferas públicas subalternas, que a despeito de não conseguirem alçar suas demandas à esfera pública elitista e, por conseguinte, disputarem a hegemonia da sociedade, foram capazes de construir outros discursos, ancorados em uma cultura popular repleta de força inovadora, criatividade e potencialidade.”

É importante ressaltar, que não necessariamente resume-se a existência da esfera pública subalterna a formas de resistência em oposição ao pensamento hegemônico. Em sua análise, Nancy Fraser faz uma importante ressalva sobre o fato desse público não ser obrigatoriamente democrático ou igualitário, mas ainda assim, essenciais para a expansão do espaço discursivo. Além disso, esses espaços se tornam facilitadores da construção de cidadania e instrumentos de uma pedagogia política, proporcionando espaços de solidariedade, contribuindo para a ressignificação de identidades coletivas.

Sendo assim, a apresentação dessa esfera subalterna contribui para destacar a atuação desses sujeitos subalternos em contraposição com a imagem passiva e submissa dos cidadãos diante da violência institucionalizada. E é justamente através desses discursos e performances ocultas de resistência que aos poucos começaram a constituir esferas subalternas contestatórias da ordem, transformando essas falas em públicas (Perlatto 2014).

Para este trabalho, é essencial destacar o poder da cultura no âmbito da esfera pública subalterna brasileira. O autor afirma que as principais formas de expressão e sociabilidade dos setores populares na busca da construção dessa esfera foram a música e a religião. As práticas musicais do povo faziam parte do lazer e das demandas políticas da população e foram historicamente reprimidas e consideradas “irreverentes, obscenas ou graciosas” por parte da

classe dominante. Porém, ainda assim, foram capazes de alcançar espaços da esfera pública seletiva, sendo apropriada pela elite dominante.

“A importância da cultura popular, nas suas variadas expressões em nossa vida nacional atuou como médium “privilegiado de reprodução e reinvenção da linguagem dos sentimentos, com sua ambição de reabrir o mundo à potência da multidão” (Barboza Filho 2008, pp. 33-34) Observada pelas lentes da linguagem dos sentimentos, essa multidão fez do improvável a marca da sua presença e o programa de sua potência, atuando como combustível de um processo de democratização, ainda que numa chave passiva.” (Perlatto 2014)

Sendo assim, os mecanismos utilizados pela população subalterna brasileira estão intimamente ligados a um caráter “expressivista” e lúdico, baseado em emoção, sentimentos e humor. Em detrimento do caráter totalmente racional levantado por Habermas em sua definição inicial de esfera pública.

Dessa forma, é importante dizer que tais expressões não se apresentam em primeira instância como projeto político se lidas pelo olhar hegemônico vigente, mas que deveriam ser reaproveitadas e interpretadas através de uma orientação política que conectasse as instituições políticas com essas esferas subalternas. De modo a converter suas potencialidades organizativas em uma verdadeira política de transformação da juventude (Perlatto 2014).

#### **4. A CONDIÇÃO JUVENIL E SUAS RELAÇÕES EXPRESSIVAS**

No presente capítulo, serão apresentadas as análises produzidas a partir das entrevistas realizadas com alguns jovens da cidade de Carangola/MG. Para centralizar e afunilar a interlocução, foi escolhida a análise de entrevistas dos integrantes da Orion, uma produtora musical da cidade feita por jovens e para jovens. Como já foi dito anteriormente, seis pessoas foram entrevistadas e análises foram feitas em cima das temáticas levantadas nas considerações conceituais.

Primeiramente, serão apresentados o perfil de cada pesquisado, resumindo nome, idade, função dentro da Orion Produtora e cargo profissional. Depois disso, serão levantados pontos em comum sobre a vida escolar dos entrevistados, suas relações pessoais, familiares e de amizade; em seguida, serão apresentados os dados sobre trabalho dos sujeitos, questionando a relação entre o contexto deles e a realidade apresentada; e, por fim, serão apresentadas relações conceituais entre o público e privado, capitalismo e cultura aplicada dentro da realidade analisada.

Danilo, 25 anos, é um jovem carangolense que trabalha como agente comunitário de saúde em um posto de bairro da cidade. Ele é o idealizador e fundador da Orion, além de produtor das músicas e dos clipes. Já Gustavo, 26, atualmente trabalha como capoteiro em uma empresa da cidade e também é idealizador e fundador da Orion junto com Danilo. Os dois se dividem na função de produtor e os dois aprenderam juntos sobre as questões técnicas que envolvem a produção e o lançamento de uma música.

Leandro, 22, é de Faria Lemos, município vizinho a Carangola/MG, a menos de 13 km de distância. Por isso, pessoas que nascem e moram em Faria Lemos têm uma rotina que inclui Carangola, principalmente para crianças e adolescentes que podem estudar em escola particular, porque em Faria Lemos não tem, portanto, fazem o trajeto de uma cidade a outra todos os dias. Atualmente, ele é estudante de Agronomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e estagiário em uma fazenda especializada em suínos em São José dos Campos/SP.

Paulo, 24 anos, é primo de Leandro e também nasceu em Faria Lemos, mas estudou em Carangola. Seu sonho era seguir carreira profissional no futebol e investiu bastante nisso, parando somente devido ao início da pandemia. Hoje, Paulo trabalha como Técnico de Informática em um posto de saúde da sua cidade natal. Já Kleber, 26 anos, nasceu em

Carangola/MG, mas atualmente mora em Manhuaçu/MG. Essa não foi a primeira mudança de cidade que fez em sua vida e todas são por motivos de procurar melhores condições de capacitação e melhores empregos em outros lugares. Atualmente, ele é cabeleireiro.

#### **4.1 A base escolar**

A base escolar é um ponto específico que será apresentado no trabalho, uma vez que, a escola é um espaço de socialização que forma e molda os sujeitos em uma estrutura específica. Além de construir os primeiros laços de sociabilidade fora da família, a escola amplia e constrói a base da identidade dos sujeitos. Dessa forma, e diante o panorama apresentado anteriormente, serão apresentados os dados específicos de cada entrevistado, com a intenção de comparação com o que já foi discutido até aqui.

Metade dos integrantes estudou em escola particular. Danilo e Leandro tiveram quase toda a sua trajetória escolar em escola privada, incluindo o ensino médio. A grande diferença é que Danilo estudou em uma escola privada porque sua mãe trabalhava como faxineira e, assim, foi possível que ele estudasse com bolsa de estudos. Já Leandro, estudou nas melhores escolas privadas de Carangola/MG, pois sua família prezava muito pela qualidade de seus estudos. Paul afirma que nunca gostou de estudar, já Leandro se considerou um bom aluno na escola ao afirmar que nunca ficava de recuperação e todos os professores gostavam dele.

Inclusive, são esses dois que optam por continuar os estudos e fazer faculdade. Danilo começou uma faculdade de Direito, mas desistiu do curso um pouco antes da pandemia por falta de identificação com o que ele queria. Já Leandro, é estudante de Agronomia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e conta que se identifica bastante com o curso e pretende prolongar seus estudos para um futuro mestrado e doutorado.

Sabemos que a análise foi feita em uma pequena amostra e não é confiável analisar em comparações e porcentagens a um quadro geral, mas é interessante notar que o único colaborador que frequentou as melhores escolas particulares, é o único que ingressou em uma Universidade e pretende continuar sua carreira acadêmica. Podemos refletir sobre como uma base escolar fortificada pode vir a despertar uma maior predileção para os estudos.

Kleber e Gustavo estudaram integralmente em escola pública e nenhum dos dois terminou a escola. Kleber, atualmente aos 26 anos, a fim de conseguir um diploma de ensino médio, está completando-o pelo CESEC . Ele afirma que nunca gostou de estudar e que só

frequentava a escola por obrigação, porém, durante o segundo ano do ensino médio ele interrompeu sua trajetória escolar para começar a trabalhar. Hoje ele conta que sua prioridade é estudar para se profissionalizar e, assim, conseguir melhores empregos. Dessa forma, Kleber vê a profissionalização técnica como uma forma de melhorar a qualidade dos empregos que ele pode conseguir.

Já Gustavo largou os estudos pois viu a necessidade de trabalhar e ajudar sua mãe. Seu irmão já trabalhava em uma empresa de capotaria, e assim, ele conseguiu um emprego no mesmo lugar, no qual trabalha até hoje. Sua trajetória escolar se deu em escolas públicas da cidade e ele conta que não foi um aluno empenhado em sua função. Durante a entrevista, ele ressaltou que os estudos aconteceram por obrigação, mas não por gosto. Até hoje, Gustavo não pretende voltar a estudar e foca em sua carreira musical.

Paulo teve uma relação complicada com a escola porque saiu de Faria Lemos muito cedo para tentar carreira profissional em escolas de futebol. Inicialmente, ele foi para Montes Claros/MG, depois Juiz de Fora/MG e, por fim, para Belo Horizonte/MG. A rotina de mudanças constantes atrapalhava o andamento de seu ano letivo, e a rotina de treinos era prioridade. Ele conta que o local onde ele treinava era muito longe de sua escola, além disso, haviam treinos em horário de aula.

Dessa forma, ele focava no futebol durante o ano, e quando o final do ano letivo se aproximava, ele voltava para Faria Lemos, se matriculava em uma escola pública e conseguia passar de série nos últimos segundos do ano letivo, fazendo prova final. A média escolar de BH era mais alta do que a de Faria Lemos e isso facilitava o processo. Sua trajetória escolar foi nesse ritmo até o segundo ano do Ensino Médio, quando desistiu e parou de estudar. Ele conseguiu seu diploma do ensino médio com a prova do Enem.

Dessa maneira, pode-se perceber um panorama da educação brasileira entre as histórias apresentadas anteriormente. Reiterando que a trajetória escolar dos jovens que estudaram em escola particular, considerado um ensino de qualidade, culminou na continuação dos estudos dos mesmos para a graduação. Entretanto, o indivíduo que precisava começar a trabalhar, interrompeu seu processo nos estudos ao passar no concurso municipal. Já Leandro, pôde se dedicar exclusivamente aos estudos e isso é um privilégio que só os jovens de classes econômicas mais abastadas podem usufruir, por poder contar que sua família ainda continuará suprimindo suas necessidades financeiras.

Já o caso dos outros integrantes que formaram sua trajetória escolar dentro de escolas públicas, fica em evidência as problemáticas que causaram o rompimento dessa trajetória antes de sua conclusão. Como foi levantado nas considerações conceituais, entre os motivos principais para as altas taxas de abandono escolar, se encontram a necessidade de trabalho (39,1%) e a falta de interesse (29,2%) (PNAD, 2019). Pontos estes que ficaram em evidência nas histórias levantadas, pois Kleber e Gustavo priorizaram o trabalho à escola pela necessidade, mas não só por isso, havia também a falta de interesse pelos processos escolares, provavelmente causados pela ausência de sentido e de identificação com tais processos.

Paulo não se encaixa igualmente na mesma situação que os sujeitos em evidência acima, mas também é um caso de falta de interesse e identificação com os processos escolares. Isso porque ele tinha um sonho de ser jogador de futebol e entre a escola e o futebol, Paulo fez a sua escolha. O interessante é que sua família não se colocou contra essas escolhas e sua trajetória na adolescência se deu tangente aos estudos, participando das aulas somente quando necessário para conseguir aprovação, ao mesmo tempo que, sempre se deslocava de uma cidade para a outra para não perder o ano letivo.

Sendo assim, foi possível estabelecer um panorama do envolvimento escolar dos sujeitos, por compreender que estes fatores são essenciais para se pensar a construção da identidade desses jovens em nossa sociedade. Entretanto, sem questionar ou pontuar exatamente quais os problemas dentro da estrutura escolar, uma vez que o foco era a experiência de cada um. Reiterando que a escola é um importante espaço de formação dos sujeitos e que as relações que perpassam essa trajetória se tornam importantes marcadores de sociabilidade na construção de suas identidades.

#### **4.2 A base relacional: amigos e família**

Neste subtópico, serão apresentadas as relações familiares de cada integrante entrevistado, além das relações entre eles, uma vez que, a produtora Orion se firmou a partir desses laços construídos. Apesar de ter sido comentado sobre a falta de identificação familiar durante as considerações conceituais, é possível notar que os jovens participantes da pesquisa não se encaixam completamente nessa colocação. Apesar disso, ainda assim, fortalecem a ideia de uma família entre seus amigos, evidenciando que os jovens priorizam laços de identificação entre eles, fortalecendo suas identidades e sonhos entre si.

As relações familiares dos integrantes da produtora foram essenciais nas entrevistas porque, para a maioria deles, o amor pela música veio de berço. Kleber conta que seu pai e seu tio formaram grupos de pagode e samba quando mais novos, tocando nos bares de Carangola e região. E sua mãe, também apaixonada pela música, apresentou os grandes nomes do rock nacional desde criança. Assim, ele foi construindo suas referências e se familiarizando com seu lado artístico e sua performance durante seu crescimento e sua formação como pessoa. Com certeza, isso facilitou o desenvolvimento de habilidades artísticas, como a facilidade com que leva a escrita de suas músicas e a construção de uma melodia imaginada.

Além disso, Kleber conta que os integrantes de sua família são os primeiros e os maiores fãs de seu trabalho. São eles que ouvem as músicas antes dos lançamentos e, segundo Kleber, são críticos ferrenhos, mas construtivos. Ele sempre se atenta às considerações de seus familiares e conta que prefere produzir “*love songs*” (músicas românticas) para que eles possam acompanhar, admirar e se orgulhar de seu trabalho. Enfatizo isso porque o rap é conhecido como um estilo de música de denúncia e resistência, com letras mais pesadas e questionadoras sobre a realidade na qual vivemos. Mas esse não é o foco de Kleber em seu processo criativo.

Leandro conta, de forma saudosa, como era sua relação com seu pai e seu avô que já não se encontram mais entre nós. Sua família cresceu em uma fazenda perto de Faria Lemos e ele conta que está acostumado desde criança com a música e o estilo de vida sertanejo. O primeiro instrumento que ele aprendeu a tocar foi um berrante aos 3 anos de idade e, para ele, a lembrança de ouvir sofrências com os peões no curral ainda é bem viva. Quando questionado sobre o apoio familiar diante de suas músicas, ele diz que sua mãe e sua avó o incentivam muito e são sempre as primeiras a ouvir. Comentam as partes que não gostam, como referências a bebidas e drogas, e principalmente, erros de concordância, que a sua mãe sempre faz questão de enfatizar, por ser formada em Letras.

Já Paulo conta que seu tio presenteou ele e Leandro com um violão quando ainda crianças, e na época ele ficou fissurado com o instrumento e aprendeu a tocar rapidamente. Depois disso, desejou uma guitarra para aprender e sua avó deu uma de presente para ele. Rapidamente, ele conseguiu tirar de letra a guitarra e, conseqüentemente, o baixo. Devido a essas influências e ao apoio familiar, foi possível que vini formasse sua primeira banda de rock durante o ensino médio em BH, onde ele era o guitarrista.

Gustavo em todas as entrevistas sempre referenciou seu irmão mais velho. Isso porque seu irmão toca todos os instrumentos muito bem, como bateria, violão, guitarra, baixo e ainda compõe e canta um pouco. Seu irmão também começou sua trajetória na música bem cedo, montando bandas com seus amigos para tocar em bares da cidade. É interessante frisar que Caio montou uma banda com bases melódicas de rock, mas com letras ritmadas inspiradas no rap e com a intenção de passar uma mensagem. Dessa banda participaram Caio, Gustavo e Paulo. Foi nesse período que Paulo se aproximou mais de Danilo e Gustavo.

Também foi durante a trajetória dessa banda que os dois irmãos tentaram montar uma roda cultural na praça da cidade, com a finalidade de reunir músicos e amantes da música para uma série de apresentações dos artistas da cidade. Os dois sempre tiveram a intenção de produzir eventos voltados para os jovens que reunissem música e arte, mas Gustavo afirma que a burocracia os desanima e que eles preferem fazer de forma clandestina. Isso porque, durante a Roda Cultural que promoveram na praça, o público que se reuniu para participar começou a fumar maconha num local público e isso imprimiu uma imagem de “errados” nesses jovens diante da população carangolense que passava por ali e a burocracia para a realização desses eventos passou a ser mais difícil. Esse assunto será retomado nos próximos tópicos.

Todavia, a relação de amizade entre eles, principalmente entre Danilo e Gustavo foi um fator estruturante da Orion. Eles se conheceram a partir de relações em comum e a partir dali não se separaram mais. A amizade deles sempre culminou em música. Inicialmente, por serem curiosos e apaixonados por produção musical, montaram uma dupla de DJ chamada “Dualflix” onde eles criavam seus beats de eletrônica e até eram chamados para tocar em festas privadas da cidade e da região. Foi a partir dessa dupla que os dois começaram a estudar a produção musical de forma mais profunda, e assim, foram adquirindo alguns aparelhos básicos que possibilitaram a existência da dupla.

Dessa maneira, a ideia da Orion foi se formando na amizade antes mesmo deles materializarem o desejo de montar uma produtora profissional. Como, por exemplo, a primeira música e, conseqüentemente, a fundação da Orion veio pela força que eles deram para Leandro quando descobriram que ele tinha começado a escrever algumas letras. Na tentativa de fortalecer a autoestima do Leandro como artista, Danilo e Gustavo decidiram produzir e masterizar uma música dele, e dessa forma, surgiu a primeira música da Orion como produtora. Tais fatores, em conjunto com a demanda crescente do mercado do rap, as

relações sociais entre esses jovens criaram uma esfera cultural independente que legitimou sonhos.

Reitero aqui, que a esfera do consumo cultural se torna muito importante para as trocas sociais (Dayrell, 1999). Por isso, foi importante colocar em evidência que as relações que formaram a Orion se deram através da música e da arte, ou de espaços de socialização, como a escola. Isso porque alguns integrantes já se conheciam desde a escola, como o Danilo, o Gustavo e o Leandro. Já Paulo e Kleber se integraram na equipe pela paixão em comum pela música e também porque podiam acrescentar em algo, da forma como foi a entrada de Paulo na banda de Caio.

### **4.3 A base profissional**

O tópico sobre o trabalho acabou sendo um dos mais centrais nas análises dos resultados obtidos com as entrevistas. Ponto também característico da juventude, já que se encontram em uma fase de transição da escola para o mercado de trabalho, adquirindo mais responsabilidades e se validando como agentes ativos no capitalismo. Sendo assim, serão levantados os pontos sobre este tópico na trajetória de cada um. Questiona-se também se os entrevistados enxergam a sua relação com a música como um trabalho ou não, analisando os fatores que perpassam essa resposta.

Kleber se esforça para se profissionalizar em diversas áreas. Atualmente, trabalha com cabelos afro, mas tem especialização técnica em Nail Design e como segurança. Para ele, a especialização é uma ajuda para encontrar empregos melhores, pois seu desejo é evoluir profissionalmente cada vez mais, por isso também não se prende a Carangola. Hoje, ele mora em Manhuaçu/MG, lugar onde encontrou uma oportunidade de emprego no ramo da venda de cosméticos para cabelos afro, e é onde também se profissionalizou nos cuidados para esse tipo de cabelo. Kleber afirma que onde nenhum homem pisou ele pretende pisar, uma vez que não é tão comum que homens trabalhem e invistam nesse ramo direcionado para mulheres.

Quando questionado sobre seu envolvimento com a Orion, Kleber afirma que suas produções são um hobby, assim como jogar uma pelada. Contudo, segundo ele, é um hobby com um investimento caro, de tempo e dinheiro, mas que ele aposta tudo que pode nesse caminho. Percebe-se aqui, que Kleber não estabelece sua trajetória na música como trabalho, uma vez que, não tem espaço para se pensar em trabalho que não seja remunerado, que não

seja o que garante o sustento imediato. Mas ainda assim, por ser um sonho, Kleber investe e mantém viva a ideia de que, se possível, adoraria viver e se sustentar com a sua arte.

A ideia da especialização através de cursos técnicos como uma forma de melhoria da qualidade do trabalho e, conseqüentemente, da qualidade de vida, vem como solução governamental durante os anos 2000 para o abandono escolar e a precarização do mercado de trabalho. Nessa fase, surgiram vários projetos do governo que tinham a intenção de aumentar o grau de escolaridade dos jovens, como o Pronatec que foi citado anteriormente, ao mesmo tempo que capacitava os sujeitos em funções que pudessem ser reaproveitadas para o mercado de trabalho.

Paulo trabalha como Técnico de Informação em um posto de saúde de Faria Lemos. Ele diz que foi um emprego que surgiu pós-pandemia, quando seu investimento no futebol teve que dar uma pausa. Entretanto, afirma que sempre se deu bem com tecnologias e gosta do que faz. Mas fica bem evidente que seu trabalho tem a função básica de sustento, sem se aprofundar muito na importância de sua função em si. Quando questionado sobre seu trabalho na música, Paulo acredita na qualidade do trabalho da equipe da Orion e, conseqüentemente, na possibilidade de sucesso para, enfim, viverem disso em um momento futuro.

Já Leandro, é o único do grupo que ainda estuda e pode focar somente nisso. Quando é questionado sobre trabalhos, ele conta que participa de estágios que fazem parte da carga horária de sua graduação na Universidade, e por isso, já tem um caminho bem concreto do que ele quer seguir em sua carreira profissional. Atualmente, ele participa de um estágio em São José dos Campos, em uma fazenda da vice-presidente da Associação Paulista de Suínos, e estuda vegetação forrageira para alimentação de suínos.

É interessante analisar que, ao ser questionado sobre seu estágio, Leandro o apresenta quase como uma realidade paralela, uma vez que, se trata de um ambiente formal, onde ele precisa manter sua imagem conforme exige seu contexto. Ele conta que assume um estilo “agrobóy”, composto pelo uso de blusa de gola polo, calça jeans e botina (“uma botina não tão de peão assim, uma coisa mais arrumada”, segundo ele). Por viver realidades bem diferentes e se encaixar bem em todas elas, Leandro afirma que se sente um camaleão e, ainda acrescenta que, apesar disso, sua essência nunca mudou.

Leandro afirma que a música não é um trabalho para ele, é um hobby. Quando questionado sobre isso, ele diz que deseja enriquecer e a Agronomia garante isso para ele e

sua família: “O que vai botar grana no meu bolso é isso. Os projetos que a gente tem na Orion são projetos muito caros e o rap ainda não paga o estilo de vida que eu quero ter, a agronomia sim. Mas pô, se eu lançar meu álbum e ele estourar, eu tô indo, porque se tiver um show pra fazer eu vou onde for”.

Danilo trabalha como agente comunitário de saúde do SUS em Carangola/MG, emprego que conquistou passando em um concurso da prefeitura. Sempre que questiono sobre seus trabalhos, ele nomeia os dois: seu trabalho formal e a sua função de produtor e fundador da Orion, até porque ele estudou e investiu muito para se considerar um produtor musical. Sendo assim, sempre comenta sobre sua função de agente comunitário como uma base que o sustenta e sustenta seus sonhos. Ele afirma que é um trabalho que gosta, mas a importância dele vem do sustento e da possibilidade de investimento em seu sonho, dessa forma, seu trabalho como produtor é essencial porque é a realização e a materialização de um sonho, e o alimenta e o sustenta de outras formas.

Gustavo trabalha em uma capotaria. Começou no emprego por indicação de seu irmão, que já trabalhava na mesma empresa há alguns anos. Ele afirma que gosta do que faz e que o trabalho também o inspira artisticamente. Para ele, é comum que tenha algum insight de beat ou letra novos enquanto está em seu serviço manual, e ali mesmo ele pega o celular e grava para não perder a inspiração.

Para Gustavo, ser sócio fundador e produtor da Orion é o seu trabalho principal. A paixão pela música possibilitou esse caminho para ele, até porque sua trajetória como produtor musical vem muito antes da Orion ser idealizada. Como já foi comentado, ele e Danilo já tinham montado uma dupla de DJs chamada “Dualflix”, e ali eles produziam seus beats eletrônicos e tocavam em festas da cidade e da região. A partir dessa paixão em conjunto com a prática como DJ, os dois viram a necessidade de se especializar e estudar sobre este processo para que realizassem seus trabalhos com mais qualidade. E assim, investiram em cursos online, materiais e equipamentos adequados para se especializarem melhor.

Dessa maneira, o empreendedorismo de Danilo e Gustavo acabam sendo seus empregos principais. Eles estão seguindo o movimento crescente de empreendedorismo no país, transformando suas personalidades, individualidades e criatividade em trabalho, sendo eles mesmos capitais humanos. Entretanto, apesar da crítica a essa tendência, por tirar do

Estado a responsabilidade de suprir as ausências e as precariedades do mundo do trabalho, é uma forma conveniente dos jovens usufruírem também do lucro gerado por esse mercado. Além disso, é uma grande chance de conseguir compartilhar entre eles e suas famílias o que está sendo distribuído de forma desigual dentro desse sistema.

É importante ressaltar que a relação dos dois com a música e a produção musical vem por interesse e identificação com a arte, antes mesmo da ideia de mercado de fundar uma empresa de produção. Contudo, em meados de 2019, eles perceberam que o mercado do Rap crescia e desenvolvia rapidamente e, por isso, decidiram adentrar este mundo. As relações construídas antes dessa fundação só se aproximaram, porque, segundo eles, a relação entre os produtores e os artistas é muito próxima. Dessa maneira, eles acabam produzindo uma rede de relações que facilita o processo da produção. Até porque as gravações acontecem no quarto de Danilo e isso acaba criando uma intimidade entre eles.

#### **4.4 Relações entre capitalismo, arte e cultura**

Uma vez que a Orion é uma empresa de produção musical e audiovisual carangolense, precisamos discutir alguns fatores essenciais para a análise completa desse objeto de estudo dentro da sociedade em que vivemos. Mesmo que a Orion não seja uma empresa que não gera ou visa lucros atualmente, ainda assim encontra-se em meio ao percentual crescente de negócios que surgiram nos últimos anos. Apesar de não carregarem aspectos que a legitimem burocraticamente como empresa, como o CNPJ, por exemplo, seus fundadores legitimaram o tempo todo a existência de seu negócio durante as entrevistas.

Ao longo da pesquisa, alguns fatores também surgiram que auxiliaram na construção da Orion como empresa, até porque a Orion foi idealizada devido ao crescimento do mercado da música para o rap. Essa percepção é válida, uma vez que a economia criativa vem crescendo. Entende-se como economia criativa um conjunto de ações e atividades relacionadas à cultura, tecnologia e criatividade que geram receita e impacto na economia. Dentro do setor econômico, é possível dizer que está relacionada à produção, distribuição e criação de bens e serviços criativos.

Logo, os idealizadores, Danilo e Gustavo, viram uma brecha e decidiram arriscar, juntando o sonho com a materialidade. Para isso, fizeram investimentos em equipamentos adequados e em profissionalização para o que fazem. Eles contam que compraram os melhores cursos que poderiam achar, de mixagem, masterização e até de marketing para

gerenciar redes sociais da empresa e dos artistas. Os dois dividiram os gastos a partir do que ganham em seus empregos formais e, hoje, compartilham as produções em conjunto. Eles não fazem nada um sem o outro.

Esse movimento vem em conjunto com um panorama nacional de crescimento do empreendedorismo em contrapartida da precarização do mercado de trabalho, principalmente para os jovens, que estão adentrando esse universo agora. Mas o questionamento é se realmente podemos caracterizar os sujeitos em questão como empresários, dado que os privilégios de um empresário não acompanharam o surgimento da empresa analisada. É fato que, esse novo movimento empresarial é visto de uma forma positiva, mas na verdade, foi construído pela ausência do Estado e na tentativa de tirar a responsabilidade deste de garantir o mínimo para os cidadãos que estão começando sua vida adulta.

“A situação dessas parcelas de jovens se vê ainda agravada pelo encolhimento do Estado na esfera pública, não oferecendo soluções por meio de políticas que contemplem a juventude, o que gera uma privatização e despolitização das condições de vida”. (Dayrell,1999)

A economia criativa vem junto com esse movimento do mercado de trabalho. E apesar do teor crítico que está sendo impresso nessa análise, ainda assim é de suma importância perceber que valorizar a criatividade e a personalidade marcante dentro do capitalismo, acaba por fortalecer subjetividades artísticas singulares e ainda fomenta a remuneração adequada dessas pessoas. A brecha no mercado criativo deve ser aproveitada ao máximo por pessoas que nunca tiveram a chance de ascender economicamente de outra forma. Críticas são essenciais para a melhoria do sistema em que vivemos, mas também precisa-se garantir para além do básico para subsistência para nossos jovens.

Outro fator que legitima a Orion para seus idealizadores é o reconhecimento das pessoas ao redor, seja de suas famílias ou de desconhecidos na rua. Uma das histórias mais importantes, para eles, que foi contada nas entrevistas é o reconhecimento que tiveram por parte de um empresário conhecido. Eles produziram uma música para um amigo daqui da região, o irmão desse artista tem uma grande empresa de consultoria de marketing. Assim que o irmão desse jovem ouviu a música, ficou impressionado com a qualidade da produção. Depois que ele ficou sabendo que os meninos produzem em casa, com equipamentos mais básicos, eles foram chamados e receberam uma proposta de investimento.

Todavia, eles não aceitaram pelo medo de “se venderem” para grandes produtores, e assim, perderem espaço de opinião e liberdade criativa. Para eles, esses grandes produtores têm como objetivo o ganho máximo de lucros de acordo com o movimento do mercado “*mainstream*” da música. Por isso, eles preferem andar com as próprias pernas, mesmo que mais devagar, do que aceitarem “vender a alma” em troca de dinheiro. Eles desejam lucrar, mas de uma forma que seus processos criativos não sejam castrados em favor de um movimento do mercado *mainstream*.

Além disso, a ideia principal da produtora é fortalecer artistas da região, que são muitos em quantidade e gigantes em qualidade, mas sem apoio ou oportunidades. O desejo dos idealizadores é que nenhum artista do entorno de Carangola precise sair daqui para ir atrás de grandes centros como Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/MG e São Paulo/SP, e, assim que comecem a lucrar com isso, sonham em investir e aquecer o mercado regional, compartilhando com a região o que conseguirem. Dessa forma, eles poderiam facilitar ainda mais a vida dos artistas carangolenses, já que sonham em investir de graça em quem eles realmente acreditam. O sonho é “colocar Carangola no mapa”, em prol de um crescimento coletivo de nossas origens.

#### **4.5 A esfera pública subalterna e a juventude**

Por fim, é necessária a análise sobre a discussão da existência da esfera pública subalterna dentro do contexto apresentado. Reiterando que, a esfera pública subalterna se trata de um espaço “alternativo” de expressão e discussão entre os personagens subalternos de nossa sociedade, que não se encaixam na esfera pública seletiva, mas encontraram formas de se posicionar e se expressar contra essa esfera seletiva. Como foi visto, tais espaços de expressão e sociabilidade são construídos a partir da cultura, incluindo música e religião. Por isso, é interessante relacionar esse conceito com o que foi proposto pela pesquisa.

O primeiro fator a se levar em consideração é o estilo de música feito pela produtora. O rap é um estilo que, inicialmente, era característico da subalternidade, utilizada como denúncia de sua realidade, discutindo temas como a periferia, a negritude e o crime. Durante muito tempo houve estranhamento da sociedade em geral com os artistas do rap, os caracterizando com um estereótipo de “marginais”. Entretanto, o crescimento do mercado “*mainstream*” da música, que seria o mercado que atende a esfera pública seletiva, cooptou o

rap como um estilo de música deles, por perceberem o tamanho do público e que gerava lucros.

Como foi dito durante as considerações conceituais, as práticas musicais de um povo que fazem parte do lazer e das demandas políticas da população foram historicamente reprimidas e consideradas “irreverentes, obscenas ou graciosas” por parte da classe dominante, porém, ainda assim são apropriadas pela elite quando é vantajoso para eles. Por isso, os entrevistados enfatizaram que criaram a produtora por perceberem o mercado *mainstream* se abrir para o rap. Constantemente nas entrevistas, os sujeitos enfatizavam que faziam parte do mercado “*underground*” da música, isso porque, localizados em Carangola, a percepção sobre esse estilo de música é um pouco diferente.

Devido ao contexto discutido no Capítulo 1, a cidade ainda interpreta os jovens artistas do rap com um teor de rebeldia. Algumas histórias contadas durante as entrevistas deixaram claro essa percepção. Foi brevemente comentado neste capítulo sobre a Roda Cultural que os meninos montaram enquanto faziam parte da “Umanoide”. Durante esse evento de lazer, o público participante começou a usar drogas e isso afetou demais a credibilidade dos organizadores perante o governo municipal, uma vez que eles estavam utilizando a Praça da Matriz, um local público, para o evento. Depois disso, ficou mais complicado de se conseguir alvará para qualquer evento da juventude. Entretanto, já que a Praça é um local público, eles continuaram se reunindo clandestinamente.

Outro evento barrado foi a Batalha da Rodô, um evento organizado por artistas do rap no espaço da rodoviária da cidade, que é aberta e comumente usada pelos jovens que andam de skate e BMX. Porém, durante os últimos eventos da batalha que aconteceram antes da pandemia, começaram a aparecer carros da polícia observando os jovens em tom de ameaça e, em alguns deles, os policiais decidiram revistar todo mundo que estava participando do evento e dispersar os jovens em seguida. Se eles utilizavam um local público para se reunir e fazer rimas em conjunto, porque eles precisavam ser revistados e dispersados pela polícia? O local é público para quem?

Sendo assim, eles acabam utilizando locais privados para que estejam confortáveis, mas nem sempre esses locais são acessíveis, por se tratar de festas pagas. Dessa forma, os sujeitos passaram a utilizar da internet como um meio de comunicação e divulgação de seus trabalhos, além de criarem uma rede de sociabilidade on-line. Por isso, os integrantes da

Orion estão focados em criar conteúdo para a internet, pois, além de atingir outros pontos geográficos do mapa, ainda se trata de um serviço gratuito e mais livre. Com isso, a internet é caracterizada como um lugar e como uma ferramenta que faz parte da esfera pública subalterna.

## Considerações Finais

Conclui-se que, durante a pesquisa apresentada, foi possível demonstrar um panorama dos jovens artistas da cidade, suas realidades, suas aspirações, seus empecilhos, em comparação com um contexto carangolense, dentro do panorama da nossa sociedade brasileira. Inicialmente, foram apresentados dados que representavam problemas sociais de nossa sociedade dentro de um panorama da condição juvenil, como a evasão escolar, a precarização do mercado de trabalho e a falta de apoio institucional e familiar. Problemas estes que caracterizam a condição dos jovens como problemas sociais.

Entretanto, durante a análise das entrevistas, a intenção foi perceber as diferentes realidades com um foco expressivista e mais subjetivo, analisando a força de vontade, a criatividade e a identidade do grupo de jovens pesquisados. Uma vez que a cultura jovem é “fruir suas produções e seu manancial de significações [...] que ora desafiam as estéticas outorgadas, ora resistem à sua colonização pelo maquinário da cultura outorgada”(FILHO, Aldo Victorio, 2010), então, os jovens podem e devem reaproveitar as armas do sistema mas sem se submeter a ele. Dessa forma, foi possível perceber que os jovens entrevistados desejam usufruir do que o mercado *mainstream* tem a oferecer, porém, sem “vender sua alma” para os grandes investidores, como foi dito durante as entrevistas.

Com isso, foi possível perceber alguns pontos importantes. Iniciando pela pontuação de que, o crescimento da indústria criativa e o fortalecimento de um novo capitalismo podem sim ser vistos como um problema social, uma vez que, o mercado de trabalho tem transformado as individualidades em capital humano. Cada vez mais o capitalismo tende a lucrar com a mercadologização das existências dos jovens. Contudo, em contrapartida, esses mesmos jovens desejam usufruir de uma esfera a qual nunca tiveram acesso, que oferece vantagens não só individuais, mas coletivas, abrindo portas para outros artistas da região, e sem perder a sua essência nesse processo.

As escolas públicas também têm sido sucateadas, o ensino tem sido cada vez mais utilitarista, dificultando a identificação de crianças e adolescentes com o ambiente escolar. As universidades públicas também têm sido precarizadas, como um projeto político que pretende diminuir o acesso de pessoas pobres ao ensino superior, enquanto as faculdades particulares estão em constante crescimento. Como disse Aldo Victorio Filho (2010): “Se por um lado, o futuro dos jovens filhos das classes dominantes é indiscutivelmente mais assegurado, o destino dos jovens das classes periferizadas em relação à centralidade das benesses sociais, como o da maioria dos estudantes de redes públicas, é cada vez mais incerto”.

O panorama construído a partir das entrevistas veio para comprovar alguns pontos, como por exemplo os dados da evasão escolar. Três dos entrevistados não completaram a escola da forma esperada e, é possível perceber que a transição para o mercado de trabalho foi por necessidade de subsistência. Um deles seguiu o caminho da especialização técnica, que é vista como solução para as políticas públicas direcionada à juventude como forma de diminuir o abismo durante a transição entre a escola e o trabalho.

É interessante ressaltar que os dois entrevistados que estudaram em escola particular são os que iniciaram no ensino superior, mesmo que só um deles tenha seguido realmente o caminho. Não digo isso como forma de colocar a escola particular como boa e a escola pública como ruim, mas sim, para compor um cenário que, infelizmente, reduz e precariza o ensino público e fortalece o ensino privado em contrapartida, pois é interessante para as elites que somente quem faz parte desse nicho consiga atingir níveis de escolaridade maiores do que o ensino fundamental.

Em conjunto com essa ideia, somente o sujeito que seguiu o ensino superior realmente sonha com sua carreira profissional fora da música. Para ele, seu futuro como agrônomo também é parte do seu sonho. Já para os outros integrantes, a possibilidade da carreira musical não vem somente como um sonho, mas como uma virada de chave, como a hipótese de uma vida financeira e de sucesso garantida, sem maiores preocupações de subsistência. Não só o sucesso financeiro que move esses jovens, mas sim, a possibilidade de abrir portas para seus amigos, sua família e até para Carangola e região.

Foi importante localizar a pesquisa em um contexto carangolense, pois as análises vêm em conjunto com características de cidade do interior, sem muitas oportunidades culturais e sem abertura para mudanças nesse sentido. Por isso, os entrevistados enfatizam que o movimento *underground* da música na região é forte, pois as relações construídas entre os artistas da região são mais estreitas pois a localização geográfica colabora para isso, além de comprovar que o jovem é associado mais a perspectiva da multiplicidade do que da unidade.

Para encerrar, sobre a condição juvenil, conclui-se que o ser jovem é uma condição incerta e discutível, podendo enfrentar um panorama interminável de possibilidades. E essa é a beleza da questão, pois abrange a agência dos sujeitos como autônoma, possibilitando identidades cada vez mais plurais, com a base no coletivo em uma rede de relações múltiplas.

## Referências Bibliográficas

- CORROCHANO, Maria Carla; ABRAMO, Laís Wendel. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. *Linhas críticas*, v. 22, n. 47, p. 110-129, 2016.
- CORROCHANO, Maria Carla. O trabalho e a sua ausência: narrativas de jovens do Programa Bolsa Trabalho no município de São Paulo. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- FILHO, Aldo Victorio. Cultura dos jovens: fricções e colisões entre a oficialização e a rebeldia da beleza. In: *Narrativas: Outros conhecimentos, outras formas de expressão*. Inês Barbosa de Oliveira (org.). 1ª edição. Petrópolis: Fapergs Dp et Alii, 2010, pp. 104-121.
- IBGE, IBGE Indicadores. Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua. Rio de Janeiro: IBGE-Coordenação de Trabalho e Rendimento, 2019.
- MACHADO, Rosi Marques. Da indústria cultural à economia criativa. *Revista Alceu*, v. 9, n. 18, p. 83-95, 2009.
- PEÇANHA, E. A Cultura como campo de trabalho para a juventude: políticas, experiências e desafios. São Paulo: Ação Educativa, 2015.
- PERLATTO, Fernando. Seletividade da esfera pública e esferas públicas subalternas: disputas e possibilidades na modernização brasileira. *Revista de Sociologia e Política*, v. 23, p. 121-145, 2015.
- PIMENTEL, Eduardo Francisco. MUSEU MUNICIPAL: MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE O Museu Municipal de Carangola-MG. 2016. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO/MAST–RJ. Rio de Janeiro.
- SERRA, Neusa; FERNANDEZ, Rafael Saad. Economia criativa: da discussão do conceito à formulação de políticas públicas. *RAI Revista de Administração e Inovação*, v. 11, n. 4, p. 355-372, 2014.
- SILVA, Carla Regina et al. Juventude, cultura e profissionalização da criatividade. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, v. 24, n. 1, 2016.
- SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. *Caderno crh*, v. 24, n. 63, p. 663-678, 2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar*. UFMG, 2010.
- SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista brasileira de educa o*, p. 16-39, 2003.
- TOMMASI, Livia de; CORROCHANO, Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. *Estudos Avançados*, v. 34, p. 353-372, 2020.